ANC 88
Pasta 15 a 19
fev/87
064

jornal da tarde

A Constituinte

O novo Ministério

Poucos deverão continuar: quase só os amigos mais chegados do presidente e os militares.

Raphael de Almeida Magalhães, da Previdência Social; José Reynaldo, dos Transportes; Vicente Fialho, da Irrigação; Paulo Brossard, da Justiça; Abreu Sodré, das Relações Exteriores; Aluízio Alves, da Administração; Dilson Funaro, da Fazenda; e João Sayad, do Planejamento, além dos militares, seriam os ministros com permanência garantida no governo, após a reforma ministerial que o presidente Sarney pretende fazer em março.

A opinião é de líderes e dirigentes do PMDB, acrescentando que do PFL, além de Sodré, só sairiam se desejarem os ministros Aureliano Chaves, das Minas e Energia, e Marco Maciel, do Gabinete Civil. Influentes parlamentares do PMDB observaram ontem que Aureliano Chaves teria de ser substituído na semana passada, depois de suas críticas à política econômica.

"Se o ministro das Minas e Energia falou tudo aquilo e não aconteceu nada, ele só sai se quiser" — disse um deles.

Outros parlamentares do PMDB citaram como integrantes do "ministério do coração" ou "santos do santo", os ministros Abreu Sodré, Aluízio Alves, José Reynaldo, Vicente Fialho e o consultor-geral da República, Saulo Ramos. O chanceler Abreu Sodré, inclusive, já colocou o presidente Sarney à vontade, dizendo-lhe, francamente, que não precisaria sobrepor o interesse político à velha amizade entre ambos.

"Meu lugar está à sua disposição, Sarney. Se você precisar atender ao PMDB de São Paulo e ao Franco Montoro, não fique constrangido, pois isso não afetará nossa velha amizade" — disse o ministro das Relações Exteriores ao presidente da República. Sarney, efetivamente, disse um "palavrão" a Sodré, seguido de um abraço.

No PMDB e no PFL, é considerada muito difícil a substituição de Abreu Sodré do Itamaraty. Salvo se o próprio ministro resolver deixar a Pasta. Mesmo assim muitos não acreditam na indicação de Franco Montoro para o Itamaraty. Um auxiliar direto do presidente Sarney comentou, ironicamente: "Você já pensou o Montoro, como chanceler, chamar a rainha Elizabeth de rainha Vitória?"

Quanto a Aureliano Chaves e Marco Maciel, os comentário são de que dificilmente os dois seriam afastados se não desejarem sair. Ontem, porém, o vice-líder do PFL, deputado Oscar Correia (MG), reafirmou que, saindo um ministro do PFL, sairiam todos.

Se Marco Maciel resolver reassumir seu mandato de senador pelo PFL de Pernambuco, os nomes mais cotados para o Gabinete Civil seriam os do senador José Richa, Raphael de Almeida Magalhães e Aluízio Alves. No PMDB muitos dizem que Ulysses Guimarães, que não teve êxito em fevereiro do ano passado, tentaria novamente colocar no Gabinete Civil o senador cearense Mauro Benevides.

Os líderes do PMDB acreditam na substituição de Jorge Bornhausen (Educação), Roberto Santos (Saúde), Antônio Carlos Magalhães (Comunicações), Íris Rezende (Agricultura), Dante de Oliveira (Reforma Agrária), Deni Schwartz (Desenvolvimento Urbano — cuja Pasta seria extinta), José Hugo Castelo Branco (Indústria e Comércio). Já Ronaldo Costa Couto (Interior) poderia permanecer ou trocar de Pasta — Planejamento, por exemplo, se João Sayad tiver de se afastar por motivo de saúde. Almir Pazzianotto teria situação incerta.

No Palácio do Planalto, dois assessores presidenciais fizeram ontem uma avaliação da reforma. Para um deles, só os ministros Vicente Fialho e José Reinaldo devem ficar. O outro assessor contesta: nem esses dois estariam livres da reforma.

Um destacado dirigente do partido comentou que, se fosse o Brasil um país realmente democrático, após os resultados das eleições todos os ministros deveriam ter sido substituídos, a fim de que o presidente promovesse a reforma ministerial, numa nova composição político-partidária resultante das urnas.

Na semana passada, ao receber a bancada do PMDB catarinense, o presidente Sarney admitiu que as eleições de 15 de novembro criaram uma outra correlação de forças.

Forte para mudar

"Nunca um governo foi tão forte", disse o deputado Ulysses Guimarães ao presidente José Sarney na conversa mantida domingo passado, observando que o PMDB com a Aliança Democrática mantém maioria absoluta na Assembléia Constituinte, além de serem do partido todos os governadores estaduais, menos o de Sergipe. Ulysses acrescentou que o presidente Sarney dispõe também de apoio militar sem que haja interferência política das Forças Armadas.

Desta forma, não há razão para o chefe do governo ter receio de adotar iniciativas corajosas para superar a crise econômica e suas repercussões na área política e social, que trazem intranqüilidade à sociedade, observou ainda o deputado Ulysses Guimarães, de acordo com relato de parlamentares ligados a Sarney e ao presidente da Constituinte. Ulysses, como a maioria do PMDB, defende a realização de uma reforma ministerial e tem conversado sobre o assunto com o presidente Sarney.

Segundo integrantes da cúpula do PMDB, o presidente Sarney já se decidiu em favor da reforma ministerial, que será efetivada depois da posse dos governadores e será ampla, apesar de não serem citados ainda nomes dos novos ministros. Tal reforma seria de acordo com a nova correlação de forças políticas emergentes das eleições de novembro passado, conforme defendida pelos governadores eleitos, e de modo a dotar o governo de maior capacidade de iniciativa. O líder do PMDB, deputado Luís Henrique, afirmou ontem que reforma ministerial não resolve por si só os problemas do governo, mas acredita na alteração ministerial em função dos resultados das eleições.

Críticas

"Se o governo resolver mudar sua equipe em função da competência revelada no cargo, o único que pode ficar é o presidente Sarney. Mesmo assim porque não tem substituto", afirmou ontem o deputado Afif Domingos (PL-SP), observando que a reforma ministerial, se por acaso não for recomendável para o governo, será para o País.

Afif Domingos centrou suas críticas principalmente sobre o ministro Dilson Funaro, dizendo que se ele fosse síndico de um condomínio e se conduzisse como no Ministério da Fazenda, já teria sido convocado a dar explicações sobre os desacertos de sua administração. Lembrou ainda que no dia 5 de março do ano passado, no Congresso, Funaro afirmou que o déficit público era zero e não havia expectativa de pressão inflacionária. Por isso o governo também não precisaria emitir moeda. Um ano depois, citou Afif, a expansão monetária é superior a 300% e o déficit público corresponde a 5,6% do PIB. O ministro, segundo o deputado paulista, deveria voltar ao Congresso para "tentar explicar" o que aconteceu.

Fialho

Sodré

O líder Luiz Henrique com Sarney: a esperança de que o Ministério reflita o Brasil.

Raphael

Reynaldo

Foto de Júlio Fernandes

ALIANÇA

Sarney cobra apoio e o PMDB jura fidelidade. Mas quer o PTB longe.

Está muito difícil atender ao presidente José Sarney e reerguer a Aliança Democrática, agora, como deseja o presidente, com a participação do PTB, além do PMDB e do PFL. O PMDB, ontem, através de seu líder na Câmara, deputado Luiz Henrique, disse ao próprio presidente Sarney que não procedem suas queixas, pois o partido já deu inequívocas provas de fidelidade ao governo. E continuou insistindo que, para a manutenção da coesão desejada no apoio ao governo, Sarney precisa promover nova reforma ministerial, compatível com a correlação de força surgida depois das últimas eleições, com predominância do PMDB.

"O País passou a ter um novo desenho", justificou Luiz Henrique, afirmando ainda que o PMDB não se opõe à inclusão do PTB na Aliança Democrática, mas não deseja formar blocos de apoio ao Executivo separando os grupos moderados e progressistas.

A inclusão do PTB na Aliança provocou, no entanto, forte oposição na bancada gaúcha, o que foi confirmado ontem pelo coordenador dessa bancada, o deputado Lélio de Souza. E essa oposição à aliança com o PTB deverá ser formalizada hoje ou amanhã com a divulgação de uma nota de desaprovação da bancada gaúcha. "O governo não precisa do PTB", disse Lélio de Souza.

Já o líder do governo, deputado Carlos Sant'Anna, confirmou que o PTB ainda está debatendo como será sua adesão à Aliança Democrática, mas não soube dizer o que esse partido receberá como compensação pelo apoio a Sarney.

O PMDB é responsável

Para o ministro da Reforma e Desenvolvimento Agrário, Dante de Oliveira, porém, a Aliança Democrática "até poderá continuar, mas a responsabilidade total, hoje, diante da sociedade brasileira, é do PMDB, que recebeu uma votação maciça".

Acrescentou que "desde que o PMDB consiga dar respaldo forte ao presidente Sarney rumo às mudanças que se fazem necessárias, a Aliança Democrática poderá prosseguir. Agora, é óbvio que aqueles que quizerem puxar o carro para o outro lado...", advertiu, sem concluir a frase.

Dante de Oliveira, chamando para o PMDB a responsabilidade de resolver a crise, advertiu ainda que "ou o partido se organiza e assume definitivamente este governo ou então corre o risco de ter sérios problemas pela frente. Falta ao presidente Sarney respaldo político para poder avançar".

O ministro disse ter certeza de que "não vamos conseguir unir os diversos segmentos que pensam diferente dentro do partido". E admitiu que "alguns poderão sair", referindo-se aos setores conservadores. "Hoje, o perfil do partido é de centro-esquerda, com tinturas reformistas e foi nisso em que o povo votou. Falta agora ao PMDB organização junto à sociedade". Depois de anunciar que vai tratar desse assunto hoje, no Recife, com o governador Miguel Arraes, Dante de Oliveira concordou que "tem de haver uma definição tanto do PMDB como do PFL.

Meio termo não dá", concluiu.

O porta-voz

As queixas de Sarney quanto à falta de apoio da Aliança Democrática, principalmente da parte do PMDB, ficaram mais claras quando o próprio porta-voz presidencial, Frota Neto, resolveu dar uma entrevista sobre o assunto, embora nenhum repórter lhe tivesse feito perguntas a respeito. Disse que "o que se cobra, em especial do PMDB, não é apenas a participação no processo decisório, mas também a solidariedade no desdobramento desse processo".

O porta-voz garantiu que Sarney tem-se mantido fiel aos compromissos assumidos com a Aliança e destacou que "o PFL e o PMDB não são só partidos que apoiam o governo, mas partidos que estão no governo". Ao comentar as críticas feitas pelo ministro Aureliano Chaves ao Plano Cruzado (Aureliano é do PFL) Frota Neto disse que o que o presidente Sarney cobra, não só dos ministros como de seus assessores, "é uma atitude de solidariedade". Acrescentou que não há divergências entre Sarney e o PMDB e se houver são apenas com setores do partido.